

REFORMA TRIBUTÁRIA

Novos cálculos do Ministério da Fazenda revelam que mudanças do Congresso elevaram a alíquota média para quase 28%

IVA será o maior do mundo

» FERNANDA STRICKLAND

O Ministério da Fazenda divulgou, ontem, nota técnica apontando que as alterações no texto da regulamentação da reforma tributária, promovidas na Câmara dos Deputados, devem aumentar em 1,47 ponto percentual (p.p.) a alíquota de referência. Isso significa que a alíquota média sai dos 26,5% considerados antes da aprovação do texto para 27,97%, tornando o Brasil o país com maior Imposto sobre Valor Agregado (IVA) do mundo.

Os cálculos da equipe econômica confirmam alertas que vários especialistas vinham dando sobre os riscos de os parlamentares cederem aos lobbies e, com isso, ampliarem o número de exceções da reforma tributária. De acordo com dados da Tax Foundation, atualmente, a Hungria é o país com o maior IVA do mundo, de 27%. O ranking, de janeiro deste ano, lista 170 países em todo o mundo, incluindo todas as principais economias da Europa, que possuem um IVA sobre bens e serviços.

De acordo com os dados, os países da União Europeia, com as maiores taxas de IVA padrão são Hungria com 27%, Croácia, Dinamarca e Suécia todos com 25%. Já Luxemburgo cobra a menor taxa de IVA padrão, de 17%, seguido por Malta, com 18%, Chipre, e Alemanha e Romênia, com 19%.

Conforme a nota do Ministério da Fazenda, a secretaria Extraordinária da Reforma Tributária fez cálculos e considerou 10 fatores que foram mudados pelos deputados. Com isso, foram considerados alguns pontos, como: a inclusão de bets e carros elétricos no Imposto Seletivo; a inclusão de carvão mineral no Seletivo e redução da alíquota; redesenho do regime específico de bens imóveis; ampliação de medicamentos na alíquota reduzida.

As definições são determinantes para calibrar as alíquotas finais do IVA brasileiro, composto por dois tributos: a Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS), de incidência do governo federal, e o Imposto sobre Bens e Serviços (IBS), de estados e municípios.

A pasta considerou no estudo a recuperação de crédito para imunidades (como livros, jornais e serviços de radiodifusão); inclusão de carnes e queijos na cesta básica; novas alíquotas favorecidas (como sal, farinhas, flores); outros favorecimentos (de crédito a planos de saúde a deduções de repasses de cooperativas); e o cashback para energia, água e esgoto.

Variações

“O balanço final do conjunto de medidas avaliado indica um incremento na alíquota de referência total da ordem de 1,47 ponto percentual, dentro do intervalo de 1,44 ponto percentual

Setores favorecidos

Veja as estimativas do Ministério da Fazenda sobre o impacto das mudanças na alíquota de referência total novo Imposto de Valor Agregado (IVA) nacional, composto pelo IBS e pela CBS

Descrição média - Em pontos percentuais

Inclusão de Bets e carros elétricos no Imposto Seletivo	-0,06
Inclusão do carvão mineral no Imposto Seletivo e redução da alíquota sobre bens minerais de 1% para 0,10	0,25
Redesenho do regime específico de bens imóveis	0,27
Ampliação dos medicamentos na alíquota reduzida	0,12
Recuperação de crédito para imunidades (serviços de radiodifusão/imagens, livros, jornais e periódicos)	0,13
Carnes na cesta básica	0,56
Queijos na cesta básica	0,13
Demais alíquotas favorecidas (sal, farinhas, aveia, óleos de milho e babaçu, plantas e flores etc.)	0,10
Total	1,47

Ranking global

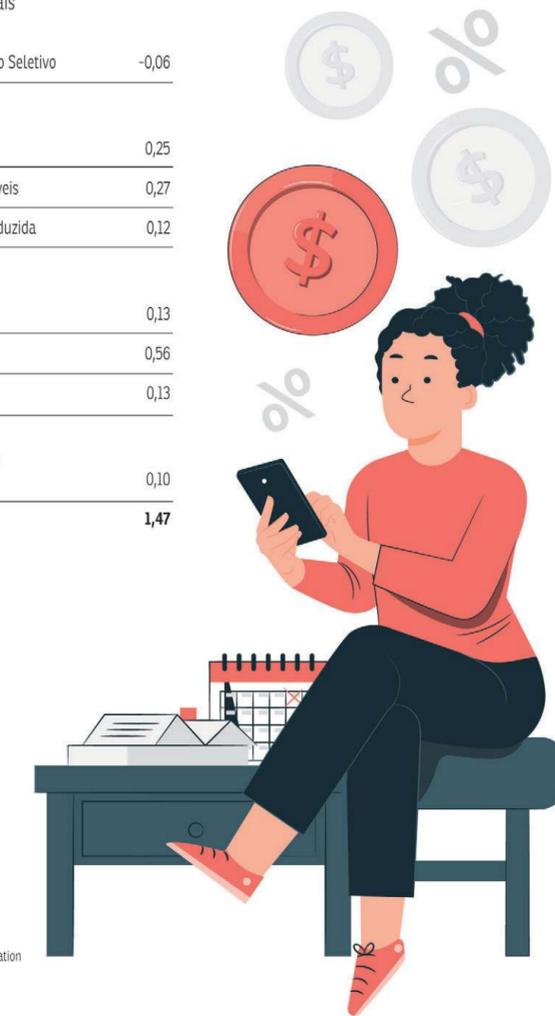
Em levantamento com 39 países, incluindo o Brasil, o segundo lugar é ocupado pela Hungria — com uma taxa de 27% sobre o consumo em 2023

Brasil	27,97%
Hungria	27%
Dinamarca	25%
Croácia	25%
Suécia	25%

Fonte: Nota Técnica do Ministério da Fazenda e Tax Foundation

a 1,49 ponto percentual”, informou a nota da Fazenda.

O documento ainda destacou que nem todas as mudanças introduzidas pelos deputados correspondem a tratamentos favorecidos que elevam as estimativas de alíquota e que mudanças como a incidência do Seletivo sobre as bets e carros elétricos



contribuíram para a redução da alíquota de referência total do novo sistema.

De acordo com a tabela divulgada pela Fazenda, o maior peso para elevação da alíquota veio com a inclusão das carnes na cesta básica, que pesaram 0,56 ponto percentual na média. Os queijos acrescentaram 0,13

ponto percentual na alíquota. Outra mudança que pressionou para a alta foi a modificação do regime específico de bens imóveis, responsável por aumento de 0,27 ponto percentual no impacto do tributo.

Para o economista Murilo Viana, consultor sênior da GO Associados, a tributação sobre o



Tem um dispositivo no PLP 68/2024, aprovado pela Câmara, que estabelece um teto de alíquota-padrão. E esse teto é menor do que a alíquota calculada pela Fazenda"

Murilo Viana, economista senior da GO Associados

consumo do IVA brasileiro não será maior do que é atualmente. “Na verdade, a reforma prevê a manutenção da carga tributária. Haverá uma mudança na distribuição dessa carga entre bens e serviços, entre setores, com indústria, agricultura e serviços, e entre faixas de renda, já que o perfil de consumo varia entre as distintas faixas de renda”, disse.

Contudo, Viana reconheceu que os impactos das alíquotas do IBS e da CBS farão com que alguns produtos se tornem mais caros do que previsto. “Outros, em regime diferenciado, específico ou presentes na cesta básica, se tornarão relativamente mais baratos. Pode acontecer também uma mudança nos preços relativos e na acessibilidade de determinados bens e serviços. Mas, em tese, mantém-se a premissa de manutenção da carga tributária atual, ainda que com alíquota maior”, pontuou. “Mas tem um dispositivo no PLP 68/2024 (que regulamenta a reforma tributária), aprovado pela Câmara, que estabelece um teto de alíquota-padrão. E esse teto é menor do que a alíquota calculada pela Fazenda. Então, o Senado terá que lidar com essa questão durante a tramitação da regulamentação do PLP”, destacou.

CONJUNTURA

Powell sinaliza corte de juros a partir de setembro

» RAFAELA GONÇALVES

O presidente do Federal Reserve (Fed, o banco central dos Estados Unidos), Jerome Powell, disse, ontem, que “chegou a hora” de ajustar a política monetária norte-americana, apontando para um início do corte de juros nos Estados Unidos na próxima reunião da autoridade monetária, em setembro.

A declaração selou a convicção dos investidores quanto à desaceleração dos juros e repercutiu positivamente no mercado, com alta nas bolsas internacionais e do Brasil. Segundo Powell, os riscos de alta para a inflação diminuíram, e os riscos de queda para o emprego aumentaram, cenário que reforça a possibilidade de queda dos juros. “Chegou a hora de ajustar a política (monetária). A direção a ser seguida é clara, e o momento e o ritmo dos cortes nos juros dependerão dos dados que chegarem, da evolução das perspectivas e do equilíbrio dos riscos”, declarou em discurso no simpósio anual do Fed, em Jackson Hole, em Wyoming (EUA).

Os juros norte-americanos estão no maior patamar em mais de duas décadas, entre 5,25% e 5,50% ao ano. “Com uma redução apropriada da restrição da política, há bons motivos para acreditar que a economia voltará a ter uma inflação de 2%, mantendo um mercado de trabalho forte. O nível atual dos juros nos dá amplo espaço para responder a quaisquer riscos que possamos enfrentar, inclusive o risco de um enfraquecimento indesejado das condições do mercado de trabalho”, destacou Powell.

Um início do ciclo de corte de juros nos EUA tende a estimular os mercados financeiros, valorizando ativos de risco

e enfraquecendo o dólar. “As decisões do Fed não só influenciam diretamente os mercados financeiros nos EUA, mas também têm repercussões significativas em escala global, afetando tudo, desde taxas de câmbio até fluxos de capital e perspectivas de investimento em mercados emergentes, como o Brasil”, destacou André Colares, CEO da Smart House Investments.

Impacto indireto

Apesar da sinalização positiva, as implicações para o Brasil são consideradas indiretas e não alteram diretamente a perspectiva de início de um ciclo de alta de juros no país, conforme avaliou Isabela Bessa, especialista em investimentos internacionais da Warren.

Segundo ela, a sinalização do Fed é apenas um dos fatores que podem influenciar na Selic. “O Banco Central do Brasil ainda precisará considerar fatores como: inflação, crescimento econômico e expectativas de mercado. Por isso, embora a fala de Powell possa moldar as expectativas dos investidores, a decisão sobre iniciar um ciclo de alta de juros no Brasil será baseada principalmente nas condições econômicas internas e nas metas de política monetária”, avaliou.

Os temores de uma recessão na maior economia do mundo assombram o mercado neste mês. Em seu discurso, Powell afirmou que a autoridade fará tudo que puder “para apoiar um mercado de trabalho forte, ao passo em que progredimos mais em direção à estabilidade de preços”. Para José Alfaix, economista da Rio Bravo, os comentários de Powell foram precisos indicando para o mercado “um pouso suave no horizonte”.

Getty Images via AFP



Para o presidente do Fed, Jerome Powell, “chegou a hora” do ajuste política monetária dos EUA

Falas de Galípolo agradam o mercado

As recentes declarações do diretor de Política Monetária do Banco Central (BC), Gabriel Galípolo, sinalizaram para o mercado que a taxa básica da economia (Selic) pode voltar a subir ainda neste ano. Apontado como principal candidato a assumir a presidência da autoridade monetária no próximo ano, após o fim do mandato de Roberto Campos Neto, em dezembro, Galípolo afirmou que os diretores da autoridade monetária não têm o “constrangimento” de, eventualmente, subir os juros, caso os indicadores econômicos apontem essa necessidade.

Galípolo tentou amenizar o discurso e afirmou, na quinta-feira, que “se expressou mal” ao dizer que subir juros é situação cotidiana e que apenas reforçou a posição retratada na última ata do Comitê de Política Monetária (Copom), que deixou janelada aberta para alta da Selic. Ainda de acordo com ele, a diretoria está alinhada com essa posição.

As declarações, contudo, mexeram com o mercado impactando, sobretudo, as taxas de juros futuras. Os DIs (Depósito Interbancário), utilizados como referência para os juros nos

empréstimos entre instituições financeiras, encerraram a semana em forte alta, precisando 100% de chances de alta na Selic em setembro. As primeiras falas repercutiram bem, com a Bolsa renovando máximas e o dólar em queda, com a demonstração de discurso alinhado, mas começou a andar de lado após as novas sinalizações dúbias.

Para o economista Julio Hegeudus Netto, da ConfianceTec, Galípolo deve ser mais sucinto em suas declarações. “O papel do presidente de um Banco Central independente, é falar menos e

» Bolsa volta a subir e dólar recua

Depois de encostar em R\$ 5,60, na véspera, o dólar reverteu parte dos ganhos da semana e voltou ao nível abaixo de R\$ 5,50. A moeda norte-americana encerrou as negociações de ontem com queda de 1,97%, cotada a R\$ 5,479 para a venda. Na semana, a divisa acumulou uma leve alta de 0,2%. Após renovar máximas históricas nos últimos dias, rompendo o patamar de 136 mil pontos pela primeira vez, o Índice Bovespa (IBovespa), principal indicador da Bolsa de Valores de São Paulo (B3), também reagiu bem às falas do presidente do Federal Reserve, Jerome Powell. O índice apresentou alta de 0,32%, para 135.608 pontos, acumulando ganhos de 1,24% na semana.

ouvir mais. Ele tem falado muito e isso tem causado um certo desconforto nos mercados”, disse.

Davi Leles, sócio da Valor Investimentos, acredita que o objetivo de Galípolo seria “preparar o terreno” e criar um ambiente de maior confiança nas decisões e na independência do Banco Central. Mesmo que as declarações do possível indicado estejam indo contra a posição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Leles vê que as declarações são positivas, reforçando o comprometimento dele com a estabilidade econômica. (RG)